

REFLEXÕES SOBRE CIÊNCIA E HISTÓRIA

Silvia Furtado

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo levantar interrogações em torno de uma questão que vem sendo colocada para os historiadores: a não preocupação com a cientificidade do conhecimento histórico e sim com a explicitação de procedimentos.

Por que não mais a inquietação da disciplina história se instaurar enquanto campo científico?

O século XIX foi pródigo na mesma discussão que aparecia com o eixo invertido. Queria-se ali, a todo custo, provar o cientificismo. De uma maneira ou de outra, positivistas e marxistas defendiam o "status" de ciência para a disciplina história. Os primeiros, acreditando na objetividade científica, entendiam ser este conhecimento a ciência dos fatos. Relegada a um segundo plano, é verdade, mas ciência. Era ela quem iria fornecer os fatos para a sociologia (física do social) produzir seu conhecimento. Marxistas, por sua vez, enxergavam que as novas questões postas pelo capitalismo não eram mais resolvidas com uma história de causas e consequências. Era necessário buscar leis estruturais que dessem conta do desenvolvimento histórico-econômico-social, reconhecer a lógica interna do sistema virgente, ao mesmo tempo entendendo que era o próprio homem dotado de consciência o agente transformador da história.

De outro lado, afirmando que a história nada mais é que pensamentos fabricados pelo historiador,

historicismo não via como uma criação subjetivista poderia ser tratada como ciência.

Tais correntes de pensamento influenciaram profundamente estudiosos do nosso século. Ainda hoje, pelo peso que representa a ciência, a questão é relevante. O que está subjacente, então, e faz historiadores como Thompson e Adalberto Marson(1) não trazerem a concepção de história-ciência como preocupação fundamental para construir o seu objeto? O que isso nos deixa transparecer? Não vivemos, por acaso, num mundo científico por excelência?

São interrogações sobre as quais busco refletir sem entretanto considerar que possa tê-las formulado com muita clareza.

De qualquer modo, o homem é um ser de possibilidades, capaz de transcender-ser a si mesmo.(2)

Aposto em tal afirmação e arrisco!

A modernidade marca-se por uma profunda ruptura com o pensamento anterior - pensamento clássico -. Nela surge a separação do antagonismo céu e terra, do universo dividido entre a exatidão do mundo celeste e a imprecisão do mundo real. Louros a Galileu! A ele, efetivamente, correspondeu o trabalho de unificação. Com ele fundiram-se a física celeste e a terrestre. Com ele inicia-se um novo modo de pensamento onde o centro passa a ser o próprio homem enquanto "sujeito de seu conhecimento e de sua ação".(3) A visão do "kosmos" como ordem imutável e o homem submetido a essa ordem é rompida. Emerge desse novo horizonte de sentido a ciência moderna. Ciência que objetiva a operacionalização e instrumentalização dos conceitos; saber não mais para contemplar, mas saber para descobrir o comportamento dos fenômenos, prever, em uma última palavra, dominar. Saber, agora, é poder sobre o real.

Simplificadamente, como também pretende ser, a ciência moderna é uma hipótese sobre o real que precisa ser testada. Eficiência é o seu fim, desaparecendo toda a dimensão crítica e plural do pensamento tradicional.

Ao cientista é necessário percorrer um caminho que o ilumine na perspectiva desejada. Esse caminho, se seguro for, lhe dará a certeza de seu objeto, poderá até, quem sabe, confundir-se com o próprio conhecer. Tudo isto inserido num determinado sistema de acordo com as conveniências do pesquisador e do objeto em questão.

Conhecimento responsável, pois, liga-se fatalmente a conhecimento científico e o conhecimento científico é capaz de legitimar-se por si mesmo.

AVE, TODA-PODEROSA, Ó CIÊNCIA! Seus portavozes, cientistas, viraram semideuses. Aos demais, simples mortais, só resta obedecê-los e maravilhar-se frente à civilização técnico-científica por aqueles criada.

SERÁ QUE ADIANTA PENSAR, ENTÃO?

Dentro do modelo de ciência moderna, o que se dirá das ciências sociais? Serão mesmo ciência? E a história? Simples conjecturas sobre fatos passados? Ou até uma espécie de jornalismo pensante sobre o presente?

As ciências humanas, a exemplo do modelo, ciências exatas, buscam o imutável, ou melhor, regularidades, um princípio de ordem a despeito de seu objeto. É possível? Como operar com certezas em meio a "coisas humanas"?

"O rigor das ciências da natureza não se deve em absoluto a que elas sejam mais rigorosas e seus métodos mais precisos, o seu objeto é que é mais dócil."(4)

A razão moderna, ou o tipo particular de razão que vigora no ocidente, nasce "coincidentalmente e converge" com a expansão da burguesia, com a perspectiva de um progresso indefinido do conhecimento. Há de se considerar que a emergência, expansão e vitória final da burguesia se dá de mãos dadas com a idéia de que o fim último da existência humana é o crescimento ilimitado da produção e das forças produtivas. A isso corresponde um mundo simbólico

onde a razão se pensa ilimitada quanto a seus poderes e possibilidades. Daí a ideologia do progresso que perpassa a concepção de ciência.

Porém, não se pretende aqui, de modo algum, relacionar direta e reflexivamente a consciência dos homens como expressão das condições econômicas. No entanto, se quer não esquecer que o saber oriundo do novo modo de pensar deve ser compreendido como uma materialidade, como prática, como acontecimento, como peça de um dispositivo político que, enquanto tal, se articula com a estrutura econômica.

O que observamos e constatamos é que o desenvolvimento histórico e social, meta da ciência moderna, "consiste em sair de todo estado definido, em atingir um estado que não se define senão pela capacidade de atingir novos estados" (...) "o desenvolvimento histórico e social é um desdobramento sem fim (nos dois sentidos da palavra fim). E, na medida em que a indefinitude nos é insustentável, a definitude é fornecida pelo crescimento das quantidades."(5)

Vamos, então, medir, pesar, estratificar, fazer estatísticas, matematizar enfim o real. Tentar enquadrar a todo custo todas as ciências num modelo único de ciência. Mesmo até quando se quer contestar tal modelo elaboram-se leis, e parece se retornar ao ponto de partida. Como fugir a isto se o conceito de ciência está inegavelmente unido a maneira burguesa de pensar? Tal forma de pensar privilegia, em nome não sei de quê, a distinção epistemológica entre ciência e não-ciência. Impossibilitando cada saber ser dotado de uma positividade específica, positividade do que foi efetivamente dito e que deveria ser aceito como tal, e não julgado a partir de um saber posterior e superior.

QUE SE DIRÁ, POR FIM, DA HISTÓRIA?

"O historiador necessita de um tipo diferente de lógica, adequado aos fenômenos que estão sempre em movimento"(...) e mais (...) "assim como o objeto se modifica se modificam as questões adequadas."(6)

O historiador tem como característica de seu trabalho determinar no tempo e no espaço algo que já não é presente, algo que é do passado. Portanto o objeto do historiador é composto de um tema, periodização e interpretação correspondente. Para identificar o seu objeto é-lhe exigida uma análise especializada, apoiada em certezas determinadas e provas válidas (documentos) que as respaldem. São essas provas que legitimam o objeto e fazem emergir a realidade histórica onde estava inserido.

No entanto, tais provas não falam por si mesmas. É preciso interrogá-las. Elas abrem uma perspectiva ao observador, mas este tem que interpellá-las, interpretá-las e fazer brotar a história que está submersa. Perguntas ao passado com preocupações de seu presente.

Essa lógica que "modifica", "como o objeto de investigação se modifica", "como se modificam as questões", é que talvez deva ser observada. O processo de como o historiador procede é que se torna relevante.

Resgatam-se mil histórias. Todas de imenso valor. A história que se institucionalizou como a oficial desprezou as demais facetas da realidade, poder-se-ia dizer que as jogou fora como cacos imprestáveis. Constrói-se uma hierarquia, fruto da hierarquia cientificista. Existe uma história verdadeira, única, como existe uma ciência verdadeira, como existe um único conhecimento capaz de conter a verdade.

Ignora-se uma memória coletiva.

Recuperar um saber que retome esse universo implica em romper o modelo de ciência burguesa SUJEITO/OBJETO.

O historiador, na medida em que julga o passado a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos e em que o seu trabalho é feito em cima de desejos e fantasias como também de elementos cognitivos ligados pelo passado, constrói o seu objeto do mesmo modo que os demais saberes. A qualidade desse saber poderá ser posta em questão. A primazia é que não.

Difícil!

Relações de poder estão em jogo. Relações que existem juntamente devido à constituição de um campo fechado de saber. O poder se forja, se exercita ao mesmo tempo e lugar onde esse campo é formado. Saber se converte em poder.

Essas reflexões me levam a crer que o status de ciência como única forma válida de conhecimento ao ser quebrado, esfacelaria um de seus imponentes santuários - o mundo acadêmico. Pensar talvez não fosse então tarefa tão árdua e fatigante, que já isolada dos bichos, alojou-se em cérebros audazes que racionalmente não conseguiram impedir nossa caminhada irracional. Talvez as vanguardas acabassem e começassemos a agir - pensando de fato.

CONCLUINDO...

A grande indústria a que serve hoje a ciência moderna se apodea das mentalidades pela obsessão de produzir e consumir. É um poder histórico que massifica a linguagem e o comportamento, normaliza os espíritos através da simplificação de todos os códigos.

Inconscientemente obedecemos a uma ordem de igualdade. A diferença se torna um pecado terrível, porque a igualdade não foi conquistada, mas recebia de presente.

De presente nos é dada "a nossa história".

Os casos estão todos aí, por todos os lados. Porém são imprestáveis. Imprestáveis?

Pretendo ao longo do curso e de meus estudos, tendo em vista a minha graduação em história, aprofundar as indagações deste trabalho.

Continuo apostando no homem e arriscando!!

NOTAS

- (1) Veja: E.P. Thompson, A miséria da teoria ou Um planetário de erros, uma crítica ao pensamento

de Althusser. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981. Cap. V, VI, VII;

Adalberto Marson, Reflexão sobre o procedimento histórico em Repensando a história. Editora Marco Zero, Rio de Janeiro, 1984. Pág. 37-a 54.

- (2) Vj: Professor Manfredo em suas aulas no Mestrado de Educação e no Mestrado de Sociologia-(UFC).
- (3) Vj: Manfredo Araújo de Oliveira, Filosofia política de Hobbes e Marx, Síntese nº 33.
- (4) Vj: Rubem Alves, Filosofia da ciência - introdução do jogo e suas regras. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987. Pág. 97.
- (5) Vj: Cornelius Castoriades, Reflexões sobre o desenvolvimento e racionalidade em Revolução e autonomia; um perfil de C. Castoriades. Editora COPEC, Belo Horizonte, 1981. Pág. 117-47.
- (6) Vj: E.P. Thompson, A miséria da teoria ou Um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981. Pág. 48.